Nota prévia

Os leitores atentos da revista *Configurações* poder-se-ão perguntar sobre o porquê do atraso dos dois números programados da revista. Sucede, porém, que, para além das dificuldades financeiras e dos atrasos institucionais na avaliação do Centro de Investigação em Ciências Sociais (CICS) e consequentes efeitos negativos nas publicações do CICS, a preparação de números temáticos torna-se uma tarefa bem mais difícil, seja na recolha e sujeição dos artigos a avaliação externa –, cujos colegas que amavelmente se dispõem a esta colaboração, assoberbados de trabalho, nem sempre podem responder às solicitações em tempo útil –, seja também e sobretudo pela falta de apoio adequado que acaba por sobrecarregar os organizadores do respectivo número da revista, além do director da mesma.

Pedindo as nossas desculpas por este facto, estamos todavia confiantes e determinados que, após a edição deste número 3 centrado na temática da cultura e da identidade, seguido muito em breve do número 4 sobre família, será reposta a regularidade da edição da revista. Com estes dois números temáticos completar-se-á assim uma primeira expressão de cada uma das respectivas linhas de investigação presentes no CICS desde o primeiro número da revista: (*1*) política, desenvolvimento e desigualdades sociais; (*2*) organizações, trabalho e qualidade; (*3*) cultura e estilos de vida; (*4*) saúde, família e solidariedade. Seguir-se-ão dois números: um de carácter mais transversal e pluritemático, proporcionando assim que artigos apresentados e já aprovados pelos avaliadores possam em breve ser publicados e um outro, de novo mais temático, sobre etnicidade e racismo. Cumprida esta programação, estamos cientes de que não só os leitores poderão contar com a regularidade de publicação como investigadores do CICS e doutras unidades de investigação no país ou no estrangeiro terão nesta revista um espaço para fazer propostas de publicação num quadro exigente e, esperamos, inovador no panorama nacional.

Os colegas coordenadores deste número darão certamente conta dos artigos de enquadramento geral em torno dos conceitos de cultura e identidade e da riqueza teórico-metodológica e empírica dos demais textos plasmados neste número da revista, muito em particular sobre histórias de vida. A liberdade e a pluralidade teórica e ideológica (ou utópica), para retomar estes dois conceitos segundo Karl Mannheim, é um princípio que esta revista prezou desde a primeira hora. Tal não significa, porém, a assunção acéfala ou acrítica, por parte da Direcção da Revista, em relação aos

posicionamentos assumidos pelos respectivos autores e respeitados obviamente pela direcção do CICS. Se as identidades, individuais ou colectivas, não são conceptual e empiricamente realidades estáticas, imutáveis e, como tal, são resultados de processos de definição e construção, identificação e demarcação sociais, elas tão pouco são, por regra, camaleónicas, fluidas e líquidas ao ponto de se perder de vista que elas se arraigam em condições objectivas de vida, impregnadas de interesses, revelando tensões e conflitos em torno de recursos e recompensas. Mais, mediadas por hábitos e estilos de vida, projectam classificações, distintividades e representações sociais, comportando dimensões históricas, afectivas e normativas nas suas trajectórias. Identidade implica comparações em termos de similaridade e de diferença. Porém, nem identidade social se reduz a cultura nem cultura, por certo destrinçável de outras componentes da realidade social, pode ser compreendida e explicada sem a estruturação dos níveis de análise e dos factores assinalados, entre outros.

Do dito se infere que outras leituras e autores de referência sobre cultura e identidade poderiam ser contrapostas e debatidas face aos dois primeiros textos deste número mas que, felizmente, os textos sobre histórias de vida e outros subsequentes dão em grande parte conta de que nem toda a modernidade é líquida mas apresenta contornos sólidos e relevos associados a posições assimétricas de classe, de geração, de nacionalidade, de género ou de etnia, entre outras.

O Director do CICS

Manuel Carlos Silva

Título: CONFIGURAÇÕES 3 2007

Director: Manuel Carlos Silva

Directora-adjunta: Helena Machado

Conselho Consultivo: Ana Nunes de Almeida (ICS, Univ. Lisboa), António Colomer (Univ. Politécnica de Valência), António Lucas Marín (Univ. Complutense); Carlos Alberto da Silva (Univ. Évora), Claude-Michel Loriaux (Univ. Católica de Louvaina), Daniel Bertaux (CNRS, Paris), Elísio Estanque (Univ. Coimbra), François de Singly (Univ. René Descartes-Sorbonne), François Dubet (Univ. Bordéus); Hermínio Martins (St Antony's College, Univ. Oxford), Ilona Kovács (Univ. Técnica de Lisboa); James R. Taylor (Univ. Montreal), João Arriscado Nunes (Univ. Coimbra), João Ferreira de Almeida (ISCTE, Lisboa), João Teixeira Lopes (Univ. Porto), John Law (Univ. Lancaster), José Bragança de Miranda (Univ. Nova Lisboa), José Carlos Venâncio (Univ. Beira Interior), José Madureira Pinto (Univ. Porto), José Manuel Sobral (ICS, Univ. Lisboa), José Maria Carvalho Ferreira (Univ. Técnica de Lisboa), Loïc Wacquant (Univ. Califórnia, Berkeley), Luís Baptista (Univ. Nova de Lisboa), Maria Beatriz da Rocha Trindade (Univ. Aberta), Manuel Villaverde Cabral (ICS, Univ. Lisboa), Manuela Ribeiro (Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro), Maria Ioannis Baganha (Univ. Coimbra), Michel Maffesoli (Univ. Paris V, Sorbonne), Ramón Máiz (Univ. Santiago de Compostela), Raymond Massé (Univ. Laval), Renato Lessa (Univ. Fluminense), Veit Bader (Univ. Amesterdão).

Conselho Científico: Emília Rodrigues Araújo, Ana Maria Brandão, António Joaquim Costa, Manuel da Silva e Costa, Ivo Domingues, Maria Engrácia Leandro, Helena Machado, Ana Paula Marques, Maria Paula Mascarenhas, Alice Matos, Teresa Mora, Rita Ribeiro, Manuel Carlos Silva, Carlos Veloso da Veiga, Fernando Bessa Ribeiro (UTAD), Manuela Ribeiro (UTAD), Sheila Khan (Univ. Manchester).

Conselho de Redacção: Ana Maria Duarte, Baltazar Ricardo Monteiro, Carlota Fernandes dos Santos, Fernanda Maria Nogueira, Francisco de Azevedo Mendes, Hélder da Costa Machado, José Fernando Bessa Ribeiro, José Guilherme Leite, José Manuel Machado, José Pinheiro Neves, Manuel Carvalho da Silva, Manuela Ivone Cunha, Maria de Fátima Ferreira, Maria Eugénia Rodrigues, Maria Manuela Ribeiro, Maria Norberta Amorim, Miguel de Melo Bandeira, Telmo Caria, Victor Manuel Rodrigues, Vera Duarte.

Secretariado: Sofia Oliveira (sofiaoliveira@ics.uminho.pt)

Propriedade, redacção e administração: CICS - Centro de Investigação em Ciências Sociais, Universidade do Minho, 4710-057 Braga - Portugal. Telef.: 253 604 695. Fax: 253 604 696. <www.cics.uminho.pt>

Coordenadores deste número: Emília Araújo, Ana Brandão, Joaquim Costa, Rita Ribeiro

Normas para apresentação e avaliação de artigos:
Apresentação de originais: os textos propostos para publicação devem seguir as normas sugeridas na parte final da revista.
Avaliação de artigos: os artigos propostos serão submetidos a parecer de especialistas das áreas respectivas, em regime de anonimato. A listagem de avaliadores será publicada cumulativamente cada dois anos. A decisão final cabe ao(s) coordenador(es) de cada número e, em última instância, à Direcção do CICS.
Os textos podem ser publicados em português, espanhol, francês e inglês.
Correspondência (incluindo assinaturas): Revista *Configurações*, a/c Dr.ª Sofia Oliveira, Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho, Campus Gualtar, 4710-057 Braga.

Apoios: A edição deste número foi apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Edição: *Configurações* é editada semestralmente (2 números/ano ou 1 número duplo) pelo CICS - Centro de de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho, 4710-057 Braga, em colaboração com Campo das Letras Editores, S.A., Edifício Mota Galiza, Rua Júlio Dinis, 247, 6.ºE1 - 4050-324 Porto. Telef. 22 60 80 870 / Fax. 22 60 80 880 / E-mail: campo.letras@mail.telepac.pt / site: www.campo-letras.pt

Assinatura Anual: Portugal, países de expressão portuguesa e Espanha: 20 euros. Outros países: 25 euros.
Preço deste número: 12 euros.

Fotografia da capa: Abigail Ascenso

Tiragem: 1000 exemplares

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. - V. N. de Famalicão
ISSN: 1646-5075

Depósito Legal nº: 246289/06

Solicita-se permuta. Exchange wanted. On prie l'échange. Solicitamos cambio.

Esta revista prossegue a série de Sociologia (6 números) de *Sociedade e Cultura* da revista *Cadernos do Noroeste*.

Introdução

Orienta-nos, neste número, o propósito de apresentar uma sequência de artigos cujos objectos sociológicos implicam, de forma estreita, o uso do conceito de cultura. Considera-se, por um lado, o papel desta na construção e revelação da identidade, entendida nos planos individual e social e, por outro, o tipo de metodologia de abordagem e de pesquisa mais apropriado ao estudo de objectos sociológicos que, embora "tradicionais" na sua definição (como é o caso da própria "construção identitária"), pressupõem, para a sua apreensão, a redefinição dos quadros teóricos inerentes à teorização *do* e *sobre* o social.

A abrir este número, o texto de Zygmunt Bauman desafia o conceito de cultura herdado das escolas estrutural-funcionalistas na sua vertente "conservadora". Questiona, ainda, a dicotomia entre "cultura popular" e "cultura erudita", interrogando a força explicativa do *habitus*, tal como desenvolvido por Pierre Bourdieu, numa sociedade em que as alternativas de escolha se multiplicam e a miscelânea de gostos se afirma, nomeadamente através das (i)lógicas do consumo. O autor, seguindo um enquadramento macrossocial, sustenta a classificação da modernidade como "líquida", argumentando que tanto o conceito de cultura, como a sua experiência, no domínio das práticas sociais e políticas, têm vindo a metamorfosear-se ao sabor das mudanças sócio-históricas, as quais afirmam, designadamente, a individualização e a intensificação do imaginário da liberdade.

David Le Breton, não se desligando da vertente teórica estrutural, vincula-se à tese de Baumam ao associar o modo de vida das sociedades modernas, em especial a respeito dos jovens, à angústia do carácter provisório da própria experiência social. A "sociedade dos indivíduos" de Norbert Elias é invocada pelo autor para traduzir a "dissolução definitiva dos antigos modos de existência próprios à sociedade industrial", sociedade onde a classe, a profissão e um plano de carreira, assim como os padrões de género constituíam a tríplice da segurança ontológica dos indivíduos. O autor centra-se no "sofrimento identitário" e nas estratégias de fuga desencadeadas pelos adolescentes com o objectivo de buscarem o sentido para a sua própria existência.

Atendendo a que sobre o género assentam várias dualidades identitárias da experiência da vida social – e, de algum modo, numa perspectiva de contraponto com Breton – Custódia Rocha reitera a reprodução de padrões culturais distintos com base nas construções sociais diferenciadas dos lugares sociais e políticos de homens e mu-

lheres, construções estas que são edificadas, aceites e usadas no quotidiano, tendo influência sobre os modos de organização social mais globais, neste caso particular, na gestão educacional em Portugal. A análise de discursos dos próprios actores sociais sobressai como entrada metodológica apropriada à apreensão dos sentidos, declarados e velados, veiculados pelo ordenamento semântico através do qual se conclui a dominância masculina.

Os conceitos de (sub)cultura e género voltam a ser objecto de análise no texto de Vera Duarte procurando a autora elucidar as opções teórico-metodológicas mais ajustadas ao estudo das formas de delinquência juvenil nas quais os sujeitos de sexo feminino são protagonistas. Destaca-se claramente, em remissão aos dois textos iniciais, o carácter insuficiente dos quadros teóricos "clássicos", mais "estruturais" ou "culturalistas", face à necessidade de convocar as implicações das transformações socioculturais recentes sobre os modos de vida, visões do mundo e processos de construção identitária, muito em particular no que se refere à designada "subcultura" juvenil.

O conceito de sub(cultura), tanto no quadro da definição identitária dos jovens, como no âmbito da demarcação individual das diferenças e distinções sociais no (e através do) espaço, constitui objecto de análise do artigo de Octávio Raposo. Este, numa linha bastante descritiva, intenta descortinar a relação entre os modos de vida dos jovens moradores na Quinta da Fonte e os referenciais culturais e simbólicos entretanto construídos e edificados no próprio contexto sócio-espacial caracterizado por desigualdades étnicas e raciais, assim como formas de marginalidade e de exclusão social.

O conceito de identidade, sua formulação histórica e âmbito operativo, continua a ser objecto de análise no artigo de Ana Maria Brandão. A autora faz incidir a sua reflexão sobre a história de vida, propondo-a como componente principal do método de pesquisa cujo objecto central é o homo-erotismo e, assim, a forma como as "identidades pessoais são construídas em contextos socioculturais particulares no âmbito dos quais os actores se servem de um conjunto de recursos que lhes permitem aceder a uma existência pessoal e social reconhecida". Tratando-se de um objecto que remete invariavelmente para o peso das construções sociais sobre os processos de auto-reflexividade e auto-classificação, a história de vida apresenta-se como técnica, de algum modo, privilegiada de acesso à subjectividade. Em simultâneo, constitui um meio de re-construção identitária para os próprios actores.

Esta última ideia é central no artigo de Emília Araújo e Ricardo Gouveia. Os autores interessam-se pelo âmbito de aplicação da história de vida, argumentando que o carácter "móvel" dos processos de construção identitária, que não é marca distintiva dos modos de vida nas sociedades modernas, solicita a utilização de técnicas de pesquisa ancoradas na necessidade de os investigadores contarem com discursos definidores de posicionamentos e de lugares sociais cuja principal característica é serem dinâmicos, isto é, permitirem ao sujeitos abrirem a própria complexidade da experiência vivida e, muito em particular, as descontinuidades da sua "realidade". A construção e definição identitária, concordam os autores, firmam-se em três processos dialécticos centrais: a identidade é individual e social; a identidade assinala a mesmidade da diferença e a identidade entrecruza dimensões macro e micro.

O texto de Matheus Silveira assume aquelas dialécticas, discorrendo sobre a identidade ao nível da "Nação Brasileira", por relativa contraposição à da "Nação Portuguesa". Aqui, o argumento principal pauta-se por um conceito de cultura desvinculado dos desenvolvimentos mais recentes aparecidos nos textos anteriores, carregando consigo dimensões mais identificativas dos modelos edificativos de formas de autoclassificação colectivas, incluindo o relacionamento interclasses sociais, religião e predisposição ao investimento e modos de patrimonialismo.